

OS SILÊNCIOS DE STEFAN ZWEIG: ¹
CONSIDERAÇÕES DE HANNAH ARENDT E FRIEDERIKE ZWEIG

Glaucia Villas Bôas ²

Resumo:

O artigo retoma as críticas que Hannah Arendt e Friederike Zweig fizeram ao livro *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu* de Stefan Zweig, publicado em Estocolmo em 1942. Exiladas em Nova York, as duas mulheres escreveram, respectivamente, *Stefan Zweig: jews in the world of yesterday* (1943) e *Married to Stefan Zweig* (1947, pouco depois do lançamento do livro. Apesar de adotarem pontos de vista muito diferentes, elas argumentam que, na Autobiografia, os silêncios do autor relativamente a fatos importantes de sua vida, estavam associados à sua profunda insegurança. A leitura dos referidos trabalhos não somente possibilita um melhor entendimento do legado de Stefan Zweig, como permite ponderar sobre assunto hoje em voga, que diz respeito ao que se deve falar ou calar no âmbito da esfera pública – da perspectiva da relação entre segurança e silêncio.

Palavras-chave: Stefan Zweig. Friederike Zweig. Hannah Arendt. Silêncio. Segurança. Crítica.

STEFAN ZWEIG'S SILENCES: CONSIDERATIONS FROM HANNAH ARENDT AND
FRIDERIKE ZWEIG.

Glaucia Villas Boas

Abstract:

This article goes back to Hannh Arendt's and Friderike Zweig's criticism on *The World of Yesterday: Stefan Zweig: Memoirs of a European* by Stefan Zweig, published in Stokcolm in 1942. Living in exil in New York, the two women wrote, respectively, *Stefan Zweig: jews in the world of yesterday* (1943) and *Married to Stefan Zweig* (1947), soon after the book was launched. Despite they had different points of view, both argued that in his book, the author's silences about important facts of his life were due to his deep feeling of insecurity. The reading of those papers make it possible not only the understanding Stefan Zweig's legacy but also allows to consider an actual issue concerning to what one should say or silence in the public sphere - from the perspective of the relationship of security and silence.

Keywords: Stefan Zweig. Friederike Zweig. Hannah Arendt. Silence. Security. Criticism.

¹ O primeiro esboço deste texto foi apresentado no Ciclo Por que Stefan Zweig? (organizadores: Marcos Chor Maio e Alessandra Josiowicz), realizado no Centro Midrash Cultural em 28 de junho de 2017, no Rio de Janeiro.

² Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo <glaciavboas@gmail.com>

Como saber, se há tanta coisa/ de que falar ou não falar?/ E se o evitá-la, o não falar/ é forma de falar da coisa?

João Cabral de Melo Neto

Judias, vivendo em Nova York no auge da perseguição nazista, Hannah Arendt e Friederike Zweig eram bem diferentes. Havia, contudo, proximidades na vida das duas que ultrapassavam sua condição de exiladas na mesma cidade. Ambas perteciam ao pequeníssimo grupo de mulheres que havia ingressado na universidade no início do século XX, na Alemanha e na Áustria. Tinham se casado e se divorciado. Arendt vivia com seu segundo marido, Heinrich Bluecher, e sua mãe Martha; Friederike, separada duas vezes, vivia com suas duas filhas e seus dois genros. Ambas escreviam e atuavam na vida pública. Tinham um amplo círculo de amigos e conhecidos. Se contrastarmos sua vida com os padrões de conduta das mulheres da época, e àquilo que delas era esperado, - ainda que durante a guerra se saiba que muitas saíram de sua casa para o mundo do trabalho e assumiram funções dos homens que estavam no *front*, - veremos o quanto possuíam uma índole combativa e transgressora. Não se tratava tão somente de assumir papéis destinados aos homens, mas, também, de ter voz na esfera pública. As duas escreveram sobre Stefan Zweig e criticaram seus silêncios.

Certamente, pode-se fazer uma objeção à comparação entre os escritos de Hannah Arendt e Friederike Zweig, alegando que não há simetria entre o pensamento filosófico e acadêmico de Arendt, já estabelecido na história intelectual, e o modo de se expressar literário e informal de Friederike, cuja construção da memória de Zweig ainda está por ser devidamente reconhecida. Não é esse o ponto que desejo assinalar, mas justamente o fato de que, apesar das profundas diferenças entre as duas, sobretudo no tocante à natureza de sua produção intelectual, elas atentaram para a ideia de segurança, que o autor imprimiu em sua autobiografia, associando-a aos silêncios de Zweig. Tal orientação comum às duas exiladas, possibilita, a meu ver, um novo entendimento do autor da *Autobiografia. O Mundo de ontem*. A questão, que investigo nesse artigo, abre, portanto, a possibilidade de questionar o pensamento das duas autoras sobre o que se deve ou não falar em tempos sombrios.

Não foram poucos os leitores de *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*³ de Stefan Zweig. E menos ainda os que escreveram sobre o livro, desde sua publicação em 1942 em Estocolmo. O novo lançamento da obra em português, em 2014⁴, reacendeu o debate sobre o autor no público brasileiro. Quem procura a fortuna crítica do livro, certamente, ficará supreso em ver o quanto a *Autobiografia* mereceu a atenção de críticos e intérpretes nacionais e estrangeiros, e quantas edições circularam em diferentes países e idiomas. Apesar do volume de escritos, poucos estudiosos consideraram e compararam os comentários críticos a

³ O título em alemão, *Die Welt von Gestern. Erinnerung eines Europaers* foi modificado com o acréscimo da palavra *Autobiografia* em português na edição de 2014 pela Editora Zahar. No mesmo ano, o livro foi reeditado em Portugal (2014) pela editora Assírio e Alvim.

⁴ Ao lançamento do livro em 2014, precederam no Brasil as edições do livro autobiográfico na coleção de obras do autor publicada pela Editora Guanabara (1938-1941) e pela Editora Delta em 1953; outra edição do livro ocorreu em 1999 pela Editora Record.

Zweig, por ocasião da publicação da obra em Estocolmo, escritos por Hannah Arendt e Friederike Zweig.

A resenha de Hannah Arendt, *Stefan Zweig: jews in the world of yesterday*, publicada em 1943,⁵ é mencionada com parcimônia por alguns estudiosos de Zweig, que a classificam na vertente da crítica discordante do autor (BOHUNOVSKY, 2015, p. 252; DINES, 2014, p. 394). Já o livro da primeira mulher de Zweig, Friederike Zweig, *Married to Stefan Zweig* (2012), publicado em Estocolmo em 1947 com o título *Stefan Zweig. Wie ich ihn erlebte*⁶, é geralmente omitido pelos intérpretes do escritor. Tal “esquecimento” persiste apesar da circulação, ao menos desde a década de 1950, em diversos idiomas, da correspondência de trinta anos de Friederike e Stefan Zweig (1912 a 1942), que revela a intensidade da relação dos dois, antes, durante e depois do casamento. Contudo, aparentemente, “*Quando num instante as nuvens se dissipam*”, (“*Wenn einen Augenblick die Wolken weichen*”), título dado à correspondência⁷, não motivou um maior conhecimento da trajetória de Friederike, que se ocupou da memória do ex-marido até seus últimos dias.

A leitura dos textos de H. Arendt e F. Zweig indica que, cada uma a sua maneira, contestou a noção de segurança evocada por Zweig, como uma característica do “mundo de ontem”, referida pelo escritor ao lembrar sua vida na Europa antes da ascensão do nazismo. A noção de *segurança*, no sentido político e pessoal, foi a chave que utilizaram para desvendar os silêncios de Stefan Zweig a respeito de fatos de sua biografia. Creio que a retomada das posições críticas de Arendt e Zweig, desse ponto de vista, permite ponderar sobre um assunto que, não só faz parte do legado do escritor na esfera das discussões públicas, como é de grande atualidade.⁸ Além disso, se levarmos a sério a crítica de Nancy Fraser (1990) ao conceito de esfera pública, reclamando de sua modelagem por uma única voz e conclamando a efetiva pluralidade de vozes naquela instância, em tensão ou mesmo em conflito, podemos pensar que as vozes femininas, dissonantes e críticas de Hannah Arendt e Friederike Zweig contribuem para ampliar o leque de interpretações da vida e da obra do autor.

A conexão de sentido entre silêncio e segurança não costuma aparecer nos escritos sobre Zweig que, ao contrário, separam as duas categorias. Durante a primeira visita do escritor ao Brasil, em 1936, seu silêncio chamou a atenção de jornalistas e colunistas literários, que criticaram sua declaração de que “o verdadeiro intelectual deve ficar alheio aos partidos políticos e pertencer a uma única agremiação – o partido humano.” (O Globo, apud DINES, 2004, p. 46). O biógrafo Alberto Dines justifica o silêncio de Zweig, entre outros motivos, pelo fato de que ele estava em uma visita oficial ao país, não sendo, portanto, adequado um pronunciamento do escritor, ainda mais em um contexto político ambíguo como o brasileiro, que mantinha apoio à Alemanha (DINES, 2004, p.48).

⁵ A resenha, traduzida para o português encontra-se em Hannah Arendt, *Escritos judaicos* (2016).

⁶ Neste artigo uso a edição norte-americana de livro de 2012. Dines (2004, p. 567) menciona uma edição do livro em português no Rio de Janeiro, em 1945, e outra em espanhol em Buenos Aires, em 1946, que teriam sido anteriores ao original em alemão. Em minha busca, não encontrei essas edições por ele indicadas.

⁷ Título da obra na edição de 2006 pela S. Fischer Verlag.

⁸ No mundo em que vivemos, de inseguranças e incertezas, vale a pena observar o peso do silêncio sobre determinados assuntos na esfera pública, além do teor das ideias que circulam e pouco contribuem para a efetiva tomada de decisões; neste sentido é significativa, ainda, a chamada “política de cancelamento”, hoje em voga, que determina o que se deve falar e o que se deve calar no âmbito público.

Ao silêncio é dada, geralmente, uma conotação política, sendo, no mais das vezes, confundido com a posição pacifista do autor. Em notícias sobre Zweig, veiculadas pela imprensa, a questão volta sempre à baila, sem muito esclarecimento, como, por exemplo, em matéria sobre o filme *Stefan Zweig, Adeus Europa* que estreou 2016: "[...]de fato, Stefan Zweig escolheu o silêncio frente aos regimes ditatoriais de direita, pelo menos em um primeiro momento. Quando estava no Brasil, afirmou que não iria se pronunciar contra países em guerra" (BARROS, 07 de julho 2017). A questão, contudo, não é de fácil solução. Não se pode esquecer o pronunciamento de Zweig na Rádio Paris em 1940, dirigido a mais de 50 milhões de cidadãos dos territórios ocupados da Europa Central - *Aos que não podem falar (Das große Schweigen)*⁹, prova contundente de que ele não se furtou a uma tomada de posição pública durante a guerra.

Em debate sobre a *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*, Eduardo Jardim¹⁰ lembra que o autor fez três viagens ao Brasil (1936, 1940, 1941), havendo, na primeira delas, pronunciado uma conferência na Escola de Música da antiga Universidade do Brasil, intitulada "A unidade espiritual do mundo", que evidencia uma mudança significativa em seu pensamento. Zweig não defende mais a unidade espiritual da Europa, como fizera depois da primeira guerra mundial, mas argumenta em favor de uma unidade espiritual do mundo, atribuindo à América Latina o papel de realizá-la, uma vez que o continente estava voltado para o futuro e não para o passado.

A reflexão que se segue sobre os silêncios de Zweig não pretende, entretanto, problematizar a posição pacifista do escritor antes ou durante o regime nazista. Seu objetivo é percorrer, o mais de perto possível, as palavras de Hannah Arendt e Friederike Zweig, comparando-as e enfatizando a relação que as autoras estabelecem entre as noções de segurança e silêncio. Essa escolha não só permite melhor entender o que Zweig escreve na sua *Autobiografia*, como confronta os modos de pensar e os papéis desempenhados pelas mulheres na esfera pública àquela época. Além disso, retoma no seu pano de fundo o tema dos deslocamentos forçados pelas guerras, indicando que, malgrado a distância e o sofrimento, o desejo de manter viva a crítica política e a memória do passado persistiu.

I

Hannah Arendt chegou a Nova York em 1941. Dois anos depois, com trinta e sete anos escreveu *Stefan Zweig: jews in the world of yesterday*. Embora jovem, ela já havia percorrido uma longa e intensa trajetória na qual se entrelaçavam uma rigorosa formação acadêmica, em destacadas universidades alemãs, com uma intensa experiência política, caminho pouco comum àquela época, sobretudo para uma mulher. Tinha estudado filosofia na Alemanha com Martin Heidegger, Edmund Husserl e concluído o doutorado com Karl Jaspers na Universidade de Heildeberg. Após o término de seus estudos, envolvera-se até a alma na luta contra o antissemitismo. Em suas palavras, "O pertencimento ao povo judeu tornou-se meu único problema. E meu único problema era político. Puramente político! Eu queria fazer um trabalho prático, e – eu queria exclusiva e unicamente um trabalho para os judeus"¹¹(ARENDRT apud

⁹ A tradução literal do título em alemão, *Das große Schweigen*, é O Grande Silêncio.

¹⁰ O texto manuscrito foi-me gentilmente cedido por Eduardo Jardim. Ele o apresentou no Ciclo Por que Stefan Zweig? (organizadores Marcos Chor Maio e Alessandra Josiowicz), realizado no Centro Midrash Cultural em 28 de junho de 2017, no Rio de Janeiro.

¹¹ A tradução dessa citação, assim como de outras inscritas neste artigo, são de minha autoria.

HEUER, 1987, p. 29s.). Em 1933, ela e a mãe foram presas por uma semana em Berlim. Pouco depois, Hannah Arendt fugiu para Paris.

Antes de sua partida para Nova York com Heinrich Bluecher, seu segundo marido, e sua mãe, Martha, Hannah Arent já havia escrito quase todos os capítulos de seu livro sobre a vida de Rahel Varnhagen, judia que vivera na época do Romantismo em Berlim. Entrara para o movimento sionista internacional e fora à Palestina para trabalhar com jovens refugiados. Foi levada para um campo de detenção perto dos Pireneus, em 1940, durante cinco semanas. Chegando a Nova York, conseguiu um pequeno apartamento em Manhattan, tornando-se colaboradora do jornal semanal judeu-alemão *Aufbau*, enquanto sua mãe trabalhava numa fábrica de fios e cordões. O marido Heirinch Bluecher, historiador especializado em história militar, atuava em um programa de rádio, dava aulas para o exército e em algumas universidades, depois de viver um conturbado período de adaptação ao país.

Essas brevíssimas notícias sobre a vida de Arendt têm aqui unicamente o objetivo de mostrar em que contexto ela vivia quando resenhou o livro de Stefan Zweig. Ela dedicava a vida à luta antissemita. Suas posições políticas, contudo, não eram bem aceitas. Os seus argumentos em favor da formação de um exército judeu e da fundação de um estado binacional em Israel não prevaleceram. Em sua coluna no *Aufbau*, Arendt polemizava, conclamando os judeus a lutarem “ porque liberdade”, dizia ela, “segundo a antiga sabedoria sionista, muito atual, não é um presente nem um prêmio que se ganha depois de um longo sofrimento” (ARENDRT apud Heuer, 1987, p. 38). Assim, vivendo o papel de ardorosa integrante da luta antissemita, de que ponto de vista Hannah Arendt poderia ter lido a autobiografia de Stefan Zweig?

Hannah Arendt retoma, no pequeno texto escrito em 1943, as categorias de desgraça e honra como conceitos da vida política, que, segundo afirma, em nenhuma hipótese poderiam ser usados no mundo da cultura ou na vida privada, e jamais poderiam ser confundidos com sucesso e fracasso, categoria própria da vida dos negócios. Já aqui o leitor percebe a distinção entre economia e política que singulariza seu modo de pensar. O que está em jogo é a diferença entre desgraça e honra, de um lado, e sucesso e fracasso, de outro. A ideia central de Arendt é demonstrar que ser *outsider*, viver à margem, oprimido, contrariar a maneira de pensar de uma maioria pode ser uma honra e não uma humilhação à medida que aquela vivência leva à luta contra os opressores e algozes. A humilhação e a falta de segurança que sentira Zweig ao ter que viver como refugiado e emigrante com um passaporte inglês, forçado a deixar seu país e privado de falar sua própria língua era uma situação vivida por milhares de judeus na Europa nazista. A única saída honrosa era a luta em defesa do povo judeu. Não se tratava de dignidade, que Zweig tinha, naturalmente, mas de honra no sentido político. Se essa posição de Arendt foi difícil de ser aceita nas décadas seguintes à publicação da resenha, havendo causado mal estar entre judeus e não judeus, hoje, mais do que nunca, ela é difícil, não apenas de ser aceita mas, ao menos, de ser compreendida. A ideia de honra em um mundo impregnado das categorias sucesso ou fracasso, *winner* ou *losers*, estabelecidos ou *outsiders* foi enterrada no passado.

Contudo, se o conceito de honra inicia e finaliza o escrito de Hannah Arent, há outros pontos relevantes a serem destacados no desenvolvimento de seu argumento. Primeiro, vale observar como e por quê Arendt se contrapõe à visão de Zweig relativa aos últimos anos do século XIX e ao início do século XX, período anterior à primeira guerra, que o autor considerava a “época

área da segurança”; segundo, é preciso indagar por quê ela adverte ser uma ilusão considerar os anos de 1924 a 1933, um “ tempo de relativa calma para a Europa”, no qual foi possível de novo experimentar “a felicidade, liberdade e concentração espiritual”, como faz Zweig (2014, p. 291s.). Trata-se de enfatizar que a argumentação de Arendt está ancorada numa visão histórico-sociológica da vida do povo judeu, com base na qual ela concebe a ação política como única saída para a situação de desgraça em que vivia.

Arendt considera que o grande crescimento econômico, em alguns países europeus, não se fez acompanhar de uma nova forma de conceber e fazer política. Ao focalizar esse processo, ela vai especificando sociologicamente a posição das diferentes classes e camadas sociais, nelas distinguindo as características dos judeus. De forma contundente, Arendt ressalta o domínio que as forças econômicas alcançaram no jogo internacional de poder no início do século XX.

“Poder”, diz ela, “ tornou-se um sinônimo para potencial econômico, o qual pode dobrar um governo de joelhos. Essa foi a real razão pela qual os governos desempenham os mais estreitos e vazios papéis representativos que se tornaram cada vez mais obviamente teatrais e parecidos com uma opereta.” (ARENDR, 2007, p. 321).

Seria difícil negar a atualidade do pensamento de Arendt. Mas não é disso que tratamos aqui. A posição de Arendt quanto à relevância da esfera política na vida social foi aprofundada ao longo de sua obra, condizendo com o que dissera quando jovem sobre seu interesse em se voltar eminentemente para os problemas políticos. Na realidade, não havia para a autora qualquer possibilidade de segurança em um mundo no qual os cidadãos não participavam da política. Há, portanto aí, de partida, um viés que distancia a posição da filósofa daquela que seria tomada por Zweig.

Percebe-se que Hannah Arendt aborda os valores que guiam a conduta individual no dia a dia levando em consideração o pano de fundo das grandes configurações: o domínio da economia sobre a política corresponde aos valores sucesso e fracasso no plano individual. Mal sabia Arendt que o domínio dos grandes negócios econômicos não somente se infiltraria cada vez mais na esfera da política institucionalizada, como penetraria profundamente na esfera dos valores cotidianos, que classificam os indivíduos não por serem dignos ou honrados mas por serem bem ou mal sucedidos.

A questão não está contudo nos acertos de Arendt. No seu livro, Zweig retoma a história de seus pais e antecessores como exemplo para avaliar os anos de virada do século XIX para o século XX, afirmando que aquele período teria propiciado um mundo ordenado, no qual era possível estar seguro, uma vez que as expectativas sociais se cumpriam. Os salários eram pagos, as leis garantiam a ordem, o ramo dos seguros crescia.

a casa era assegurada contra incêndio e arrombamento, a lavoura contra geadas e intempéries, o corpo contra acidentes e doenças, compravam-se pensões vitalícias pensando na velhice [...] Finalmente, até os trabalhadores se organizaram, conquistaram um salário normatizado e seguro-saúde, empregados domésticos passaram a contribuir com uma pensão privada [...] (ZWEIG, 2014, p.20).

A confiança em um mundo melhor, ainda que ele reconheça, ao escrever a *Autobiografia*, que havia naquela confiança um quê de arrogância e perigo, estava assentada nos milagres que o

progresso e a ciência proporcionavam a cada dia e que chegavam a competir com a crença na Bíblia.

Zweig não esquece de assinalar “os avanços no campo social”, salientando que a pobreza das massas era “o maior de todos os problemas”. Embora difícil de ser combatida, a pobreza não mais parecia um obstáculo intransponível. Além da conquista de direitos por coletividades mais amplas, inclusive o direito de voto, Zweig afirma que “sociólogos e professores concorriam para tornar a vida do proletariado mais sadia e até mais feliz [...] (ZWEIG, 2014, p. 21s.). Se pensarmos no mundo de hoje, também Zweig estava certo ao realçar o ideal de uma vida segura, que permanece atual, e ao destacar o problema da pobreza que não foi resolvido apesar da insistência em superá-la. Em que pese a adoção de pontos de vista tão distintos, a visão de Arendt e Stefan Zweig sobre o “mundo de ontem” ainda ecoa na atualidade.

No entanto, há outro problema apontado por Arendt que realmente os distancia. Diz respeito à análise que fazem sobre a burguesia judaica. Para Zweig a ascensão social de camadas burguesas entre os judeus possibilitou que muitos dos filhos de famílias abastadas, em vez de seguirem os negócios do pai, se dedicassem à cultura. Em Viena, dedicavam-se em grande medida às artes, à música, à literatura, ao teatro, à impressão de livros e ao jornalismo. Tal fato ocorreu de modo emblemático em Viena, chamando ainda mais atenção em um país que não tivera grandes avanços em suas conquistas econômica e política. Em Viena, era possível respirar um mundo da cultura internacionalista, cosmopolita, sem preconceitos e no qual a maior contribuição era dos judeus. Arendt discorda veementemente de Zweig – não quanto à participação dos judeus na cultura mas dos valores que conduziam suas ações nos meios culturais. Era inadmissível para ela que somente se tornando um membro reconhecido do mundo da cultura e adquirindo reconhecimento, e talvez mesmo a fama, um judeu pudesse se sentir “seguro” e aceito naquela sociedade.

Do que Hannah Arendt reclama é o fato de Zweig se furtar a defender e tomar uma posição relativamente aos judeus e, portanto, a combater o nazismo. Reclama também do fato de não admitir que os judeus são párias que não são reconhecidos ou aceitos como judeus independentemente do lugar que ocupem naquela sociedade. Sobre isso ele teria se calado por ter a ilusão de que se tratava de um mundo seguro. Indo além, Arendt fala da especificidade da situação de Zweig no mundo da cultura, mais protegido do que outros e mais atraente e sedutor no sentido de criar ilusões de segurança.

Compreender as ideias de Hannah Arendt requer o conhecimento, ainda que sucinto, de sua posição crítica em relação à emancipação e ao processo de assimilação dos judeus na Europa mas, sobretudo, na Alemanha¹², que vinham ocorrendo desde o século XIX, concedendo os direitos civis aos judeus, retirando-os dos guetos, providenciando escolas para o aprendizado da língua do país de origem etc. O processo de assimilação, salvo algumas exceções, como foi o caso de Theodor Herzl¹³, citado por Arendt, tinha o apoio de indivíduos e coletividades judaicas, mas não se cumpriu, permanecendo incompleto e ilusório. Pode-se creditar a Hannah Arendt ter percebido muito cedo a tragédia que estava por ocorrer, e insistir sobre a não

¹² Para melhor esclarecimentos desses processos ver Waizbort (2004, 133-172) e Spitzer (2004, p 19-52).

¹³ Theodor Herzl (1860-1904), intelectual, jornalista judeu austro-húngaro, fundador do movimento sionista.

completude da assimilação, como por exemplo na pesquisa que deu origem à biografia de *Rahel Varnhagen. A vida de uma judia alemã na época do Romantismo*, antes de sua saída da Alemanha em 1933. Nunca é demais enfatizar a interpretação *avant la lettre* de Arendt sobre a impossibilidade de uma assimilação completa ou verdadeira dos judeus. Não se tratava de ressaltar a interrupção de um processo com o advento do nazismo, mas constatar a incompletude inscrita desde sempre no movimento assimilatório. Basta ver a biografia sobre Rahel Varnhagen, que começa com suas palavras no leito de morte em 1833.

Que história! Fugitiva do Egito e da Palestina, aqui estou e encontro ajuda, amor e cuidados entre vocês. Com sublime enlevo penso nessas minhas origens e em todos esses encadeamentos do destino, através dos quais as lembranças mais antigas da raça humana colocam-se lado a lado com os últimos desenvolvimentos. As maiores distâncias no tempo e no espaço estão superadas. A coisa que por toda minha vida pareceu-me a maior vergonha, a miséria e o infortúnio mais amargos – ter nascido judia – desta eu não devo agora por nenhum motivo desejar ter sido privada.” (ARENDR, 1994, p 15, 1994).

Nesse sentido, é preciso lembrar, mais uma vez, que ao escrever sobre o livro de memórias autobiográficas de Zweig, Arendt vivenciava o extermínio dos judeus pelo nazismo, enquanto atuava no movimento sionista. Se retiramos o texto desse contexto político, histórico e de militância da autora, como o fazem alguns intérpretes de Stefan Zweig, a leitura da resenha de Arendt corre o risco de se tornar precária e superficial. Na realidade, o texto de Arendt chama a atenção para as consequências das considerações de Zweig no âmbito da esfera pública, furtando-se ele a agir como um sujeito político em um momento no qual o malogro da assimilação dos judeus na Europa culminava na tragédia de seu extermínio. A forte objeção que Arendt fazia a Zweig concernia à hesitação do escritor em se assumir como um sujeito político: “Nenhuma de suas reações durante todo esse período foi o resultado de convicções políticas; foram todas elas ditadas pela sua hipersensibilidade à humilhação social” (ARENDR, 2007, p. 318).

II.

Se a resenha afiada de Arendt é de natureza eminentemente política, o livro de Friederike Zweig parece ter surgido de um coração que, tumultuado pelos sentimentos de perda, procura um refúgio na memória. Mas se engana quem pensa assim. *Married to Stefan Zweig* é um livro biográfico e autobiográfico, em que a autora, prometendo só falar de si quando necessário, apresenta um relato sobre diferentes momentos da vida do casal e faz comentários sobre a obra de Zweig. O livro nada tem de ingênuo. O firme propósito de preencher uma importante lacuna na construção da memória do ex-marido, ressaltando sua vida cotidiana, fica claro no prefácio assinado por Friederike: “[...] É meu propósito iluminar a imagem de um homem claramente visível pela sua fama internacional, e, no entanto, separada de sua vida cotidiana” (ZWEIG F, 2012, 1, 290).¹⁴

¹⁴ Além de *Stefan Zweig. Wie ich ihn erlebte*, publicado primeiro em Estocolmo em 1947, Friederike publicou sobre Stefan Zweig, *Stefan Zweig und Friederike Zweig: Briefwechsel 1912–1942* em Berna, 1951, e *Stefan Zweig. Eine Bildbiographie* em Munique, em 1961, considerada uma das primeiras fotobiografias.

Em janeiro de 2021, o Centro Stefan Zweig, localizado em Salzburg, comemorou o aniversário de cinquenta anos da morte de Friederike Zweig, dedicando à sua vida e obra um número de sua revista *Zweighefte* e promovendo o seminário “Friederike Zweig e a intelectualidade feminina no início do século XX”. No editorial do número 24 do *Zweighefte*, Martina Woergoetter afirma que o livro *Married to Stefan Zweig*, no contexto de sua publicação, foi utilizado como fonte por biografos do autor e, portanto, influenciou relatos sobre a vida do escritor. No entanto, com o passar do tempo, o livro foi cada vez mais criticado, sendo Friederike acusada, entre outras coisas, de ter desejado ser a única representante do legado espiritual de seu ex-marido e ser a única intérprete soberana de sua obra. Para os críticos, Friederike tinha uma enorme necessidade de ser reconhecida por intelectuais famosos, o que a levava eventualmente a distorcer os fatos, atitude que depunha contra os seus escritos sobre Zweig. Contudo, conclui a editorialista, que apesar dessas apreciações negativas sobre a personalidade de Friederike, sua vida e escritos merecem ser revisitados.

Um dos críticos de Friederike Zweig é o historiador Gert Kerschbaumer, editor do livro de correspondência entre Stefan Zweig e Friederike Zweig (2006) juntamente com Jeffrey Berlin. Seu posfácio ao “*Quando num instante as nuvens se dissipam*” é surpreendente. Indo bem mais longe do que a editorialista do *Zweighefte*, ele estrutura o seu relato a partir de em uma imagem depreciativa de Friederike, segundo o qual teria sido uma mulher ciumenta, teimosa e maledicente. O editor não poupa seus comentários sobre os “equivocos” ou “desvios de personalidade” da autora de *Married to Stefan Zweig*, escolhendo frases de Friederike que denotavam seu ciúme e desprezo por Lotte Zweig, segunda mulher de Stephan. Além disso, Friederike dizia ter tomado para si todos os encargos e tarefas imprescindíveis para o bem estar de Stefan, sobretudo depois da separação do casal, a exemplo dos procedimentos necessários para o divórcio e a venda da casa em que moravam em Salzburg, o que não corresponderia à verdade, segundo o historiador. Baseando-se na abertura de documentos confidenciais, em 1998, Kerschbaumer (2006, p. 403) põe em questão a autoridade de Friederike, dizendo que ela evitava circular entre os judeus, preferindo os oficiais e cristãos socialistas. Stefan teria considerado a teimosia da esposa “uma praga” (idem, p. 404).

As críticas e ressalvas aos escritos de Hannah Arendt e Friederike Zweig acerca de Stefan Zweig permanecem ao longo do tempo. Coincidentemente ou não, escritos por mulheres, o artigo *Stefan Zweig: jews in the world of yesterday* (1943) e o livro *Married to Stefan Zweig* (1947) têm sido postos sob suspeita e submetidos a dúvidas e hesitações de seus leitores críticos. As objeções incidem sempre na radicalidade da posição política assumida por Arendt e nos supostos problemas psicológicos (ou distorção de caráter) de Friederike. Muito pelo contrário, a meu ver, esses escritos continuam a testemunhar a autonomia intelectual das duas mulheres, no final dos anos de 1940, havendo elas contribuído para o esclarecimento dos silêncios de Stefan Zweig, com base em sua noção de segurança. Vale a pena notar que esse assunto continua a ser negligenciado, mesmo no contexto da morte do autor e da publicação de seu livro de memórias autobiográficas.

Nascida em família judia abastada, Friederike Maria Burger passou a se chamar Wintermintz no primeiro casamento e Zweig no segundo. Viveu de 1882 a 1971, tendo sobrevivido quase três décadas ao suicídio de Stefan e sua segunda esposa, Lotte. Estudou francês e literatura na Universidade de Viena, converteu-se ao catolicismo para se casar com seu primeiro marido, de

quem teve duas filhas, divorciou-se, foi discriminada pela família, casou-se pela segunda vez com Stefan Zweig e dele se divorciou em 1938. Friederike escreveu poesia e romances, traduziu do francês para o alemão, cuidou da vida do marido e se encarregou de sua memória. Em 1915 entrou para a Liga Internacional de Mulheres pela Paz e Liberdade (Internationalen Frauenliga für Frieden und Freiheit), atuando por muitos anos como uma de suas representantes no comitê austríaco. Chegou a Nova York em 1940, com as duas filhas e seus respectivos maridos. Tinha cinquenta e oito anos e vivia em Manhattan em condições bem menos precárias que aquelas de Hannah Arendt.¹⁵

Friederike inicia seu relato sobre o famoso ex-marido contando ao leitor fatos da infância e adolescência do escritor, realçando a relação conflituosa de Stefan Zweig com sua mãe. Relembra as circunstâncias em que o conheceu e a troca das primeiras cartas. A narrativa torna-se mais densa quando Friederike aborda sua relação com o companheiro nos anos da I Guerra. À luz do fato de que, ao eclodir a guerra, Stefan quis, em um primeiro momento, se juntar às tropas austríacas e que ela teria usado de todas as suas forças para dissuadi-lo, Friederike delineia um primeiro retrato de Stefan como uma pessoa sensível e apolítica. Não era talhado para lutar com armas, afirma ela, e, sim, com a pena. Stefan aguardou então ser convocado, mas foi declarado incapacitado fisicamente para o dever cívico na guerra, permanecendo na reserva, condição na qual trabalhou em arquivos do governo austríaco.

“Stefan, que não era um político”, diz Friederike, “nunca se forçou a assumir compromissos que contradissem a sua visão das coisas” (ZWEIG, F. 2012, l. 1494). Embora não se tenham muitos elementos no livro de Friederike para avaliar o que ela pensava sobre ser político ou sobre a política, fica claro que, na sua opinião, não deveria haver descompasso entre a tomada de uma posição política ou assumir de compromisso político que não tivesse em harmonia com o modo de pensar de um indivíduo. Dito de outro modo, a política poderia exigir um incontornável conflito de valores no interior dos indivíduos. A noção de política em Friederike é, sem dúvida, distinta daquela de Arendt para quem ninguém deveria se furtar a tomar posição e agir politicamente no mundo. Mas fato é que, apesar das diferenças, ao se contrastarem as afirmações de Friederike com o argumento de Arendt, fica claro que, para ambas as mulheres, Stefan Zweig não se assumia como sujeito político.

Em outro momento de seu relato, Friederike ressalta com todas as letras que Zweig não tinha um sentimento de pertencimento à Áustria. “A terra onde nascera somente se tornou cara a ele depois de sua destruição”, diz Friederike, em 1914, “ele se sentia um cosmopolita. Seus parentes estavam espalhados pelo mundo inteiro, a maioria de seus amigos era estrangeira. O mundo da literatura era seu mundo imortal.” (ZWEIG, F, 2012, l.1394). O sentimento de ser um cidadão do “mundo da literatura” era compensado, continua Friederike, pelo fato de que ela estava firmemente enraizada na sua terra natal. Muitos membros de sua família eram altos funcionários do Estado austríaco, alguns inclusive militares, diz ela para comprovar seu

¹⁵ Embora raro, Friederike não foi a única a seguir essa trajetória. Sua história lembra a de Marianne Weber, mulher de Max Weber, cuja relevância para a obra e memória do marido só recentemente tem sido reconhecida. Esposas amantes ou filhas devotas, como denomina Gunther Roth (1995), um grupo de mulheres escritoras de língua alemã, ao qual pertencia Marianne Weber e às quais muitos intelectuais e artistas devem sua memória. Grande parte desse grupo pertencia ao movimento feminista alemão e atuava na esfera pública.

“enraizamento”. Aqui não importa a tentativa aparentemente ingênua de Friederike de buscar “corrigir” a maneira de pensar do marido com a sua própria posição, de modo a alcançar um equilíbrio no que respeita aos vínculos do casal com a Áustria. Não havia ingenuidade, mas, sim, pragmatismo na posição de Friederike. Seu círculo de relações não só favoreceu a ampliação da rede de relações de Zweig na Áustria e fora dela, como possibilitou a permanência de Friederike na Áustria, sob o regime nazista, para resolver os problemas do divórcio e venda da casa do casal, como mencionei acima.

O relato de Friederike não só revela os intrincados caminhos da assimilação dos judeus na época, como confirma as palavras de Hannah Arendt relativas ao valor do pertencimento a “uma sociedade internacional”, naquela época, pelos judeus famosos, incluindo Stefan Zweig. Para Arendt, a fama e o sucesso lhes permitiam criar uma “casa” para si próprios. Nessa “casa”, um judeu austríaco famoso estava mais apto a ser aceito como austríaco na França do que na Áustria. O sucesso transcendia as fronteiras nacionais. E o sentimento de ser um “cidadão do mundo” era a “notável nacionalidade a qual seus membros recorriam quando suas origens judaicas eram mencionadas, o que se assemelha de uma maneira aos passaportes modernos que concedem ao seu portador o direito de permanecer em qualquer país, exceto naquele que se adequa a ele” (ARENDDT, 2007, p. 326). Tanto Arendt quanto Friederike concordam que apenas depois de 1938, Stefan Zweig se deu conta da gravidade dos terríveis acontecimentos políticos. Segundo Arendt, somente então ele aprendeu que a “sociedade internacional”, incluindo os seus direitos de cidadania, dependiam da posse de um autêntico passaporte nacional e que para aqueles que não pertenciam a um Estado não havia nenhum “internacional” (idem).

Para além desses pontos de convergência com Hannah Arendt, Friederike avança em sua narrativa, em tom afetuoso mas determinado, sem perder de vista o final, como se quisesse chegar logo ao clímax de sua história. Sua voz muda de tom, quando afirma que não mais poderia ser o anjo da guarda de Stefan, embora tenha mantido uma relação de amizade com o ex-marido, depois da separação. Na realidade, durante a narrativa, Friederike revela o conflito que cedo se estabeleceu entre Zweig e as suas enteadas, Alice e Susanna. Ela o justifica o tanto quanto possível, atribuindo as tensões cotidianas à personalidade sensível do marido, carente de cuidados e proteção. Sabe-se, porém, que em carta de 12 de maio de 1937, Zweig diz que o motivo da separação do casal fora sua própria falta de amor às filhas de Friederike, “que ele não conseguira superar” (ZWEIG, S., 2006, p.330). Confessa que não teve forças para enfrentar a situação de ver as filhas de Friederike sendo educadas com tanto descuido relativamente aos altos padrões da cultura. Ele não era um educador (Erzieher), mas Fritzi, como chamava a primeira mulher, tinha sido incapaz de educar as filhas de acordo com os ideais que eles cultivavam e conforme a cultura que o casal usufruía prazerosamente enquanto estivera junto. Essa revelação de Zweig sugere o quanto ele prezava a inserção das jovens na alta cultura, confirmando o que diz Hannah Arendt, no escrito sobre a autobiografia de Zweig, acerca da valorização do mundo da cultura pelos judeus como modo de estar em um mundo de iguais.

Tal conflito, que atravessou o casamento de Friederike e Stefan, não constitui, entretanto, o fio que move as lembranças de Friederike, mas a sua prontidão em promover condições de segurança que evitassem a constante inquietude de Zweig. Todo o cuidado era pouco para proteger Zweig dos tumultos do mundo exterior para que ele pudesse se sentir seguro e escrever. Friederike conta que, logo que foram morar em Salzburg, tornou-se sua tarefa:

[...] proteger a segurança de Stefan na vida do dia a dia e acalmar sua intranquilidade. É possível que fosse preciso usar mais a previsão que a prevenção. Como guardião de seu mundo interior, cabia-me manter o mundo exterior longe, impregnado como era de turbulências. Assim – um fato que raramente confessei – eu não podia ter um mundo próprio, nenhum trabalho meu me separava do meu relógio. O círculo era largo, mas eu tinha que ficar dentro dele. (ZWEIG, F, 2012, l 2065).

A intranquilidade de Stefan Zweig poderia ser mitigada, mas não extirpada. De acordo com Friederike, era incurável. Suas mudanças de humor, seus altos e baixos foram se tornando cada vez mais frequentes com a idade. Ele dava tudo de si na escrita e conseguia, dependendo dos personagens que criava, dissipar alguns de seus tumultos internos (ZWEIG, F, 2012, l. 2054). Com o passar do tempo, contudo, nem a escrita nem os cuidados da mulher foram suficientes para garantir a segurança do escritor. Os acontecimentos políticos, o desmoronamento do casamento, a busca policial na casa de Salzburg, a perda de seu editor vienense e a queima de seus livros na Alemanha tornaram Zweig cada vez mais intranquilo. Os fatos que se sucediam na vida de Stefan, como o refúgio na Inglaterra, o privavam, além do mais, de fazer uso de seu dinheiro como e quando precisasse, uma restrição a mais a fazer ruir sua segurança, logo ele que abominava cuidar das questões de sua fortuna, sempre relegando tudo ao irmão Alfred e à Friederike.

No penúltimo capítulo do livro, a insegurança e o sentimento de desproteção do marido ocupam algumas páginas do relato de Friederike. Ela não vê mais o mal estar de Zweig como fruto de uma variação de humores, mas como resultado das condições em que vivia. Referindo-se diretamente ao *O Mundo de ontem*, Friederike diz que muitos leitores haviam ficado surpresos com o tom de Zweig ao se referir à segurança dos tempos passados, agora destruída. – “Mas o que era segurança na interpretação dele?” ela pergunta. (ZWEIG, F, 2012, l. 4878) Responde que, em *O Mundo de ontem*, o termo parece designar meramente um modo de vida. Mas, na realidade, Zweig estava preocupado com a segurança que garantia sua liberdade individual. E para ele a situação tinha se tornado insuportável, uma vez que, vivendo como cidadão inglês no exílio, não podia dispor livremente de seu dinheiro. O que faria se lhe abatesse a inquietude e fosse preciso viajar para mudar de ares? Friederike não queria que o leitor pensasse que Zweig era um homem apegado à sua riqueza e propriedade. Muito pelo contrário. Ele teria preferido obedecer à lei e viver uma vida ordenada sem tumultos. Mas as coisas haviam mudado muito e agora sua renda pessoal deveria ficar retida na Inglaterra. A ausência de condições que assegurasse o exercício individual de sua liberdade gerou tamanha angústia e insegurança, aliada à falta de uma pessoa firme a seu lado, que se contrapusesse a ele, teriam levado Zweig à morte.

É muito difícil escrever este último capítulo, diz Friederike, e por isso vou mostrar os altos e baixos de Stefan com trechos de suas cartas e não com minhas reflexões. Infelizmente os “baixos” nesses últimos anos foram raramente interrompidos por intervalos luminosos que lhe dessem um mínimo de força e alegria. Talvez, futuros psicólogos sejam capazes de demonstrar que a falta de alegria de viver pode levar a uma doença fatal. (ZWEIG, F, 2012, l. 4928).

Em Friederike Zweig, o fio da correlação entre o sentimento de segurança e o silêncio de Stefan

Zeig não é apontado de forma explícita pela autora no decorrer de seu relato. Aparentemente, ela preferiu evidenciar o silêncio de Zweig sobre sua vida pessoal e familiar, na Autobiografia - que Friederike diz ser o seu propósito no início do livro - apresentando ela própria a vida pessoal do ex-marido, sua insegurança, sua relação de profunda dependência e seus conflitos com as filhas de Friederike, fatos que, certamente, o escritor famoso mas inseguro preferiu silenciar na sua narrativa autobiográfica.

III.

Stefan Zweig foi um escritor de sucesso ímpar. Estima-se que 1.300 000 exemplares de livros de sua autoria foram publicados na Alemanha até 1933, quando Hitler chegou ao poder (Posfácio, 2006 p 404). Poucos meses depois, seus livros foram queimados em praça pública, juntos com os de Sigmund Freud, Thomas Mann e outros. A maior parte de seus romances, poesia, conferências, peças de teatro, biografias foram escritos quando convivia com Friederike na bela casa localizada em Salzburg, decorada com esmero, e na qual recebiam os amigos e conhecidos. A produção literária de Stefan cresceu tanto nos anos de 1919 a 1933 que Friderike conta ter sido necessário reorganizar a volumosa documentação relativa aos escritos do marido, arquivar contratos, traduções e direitos; fazer cópias dos trabalhos e adaptar livros para a publicação em diferentes idiomas, além de conferir todas as referências e citações que Stefan fazia.

A autobiografia de Zweig, *O Mundo de Ontem*, objeto da crítica de Hannah Arendt e Friederike Zweig, difere desse conjunto de livros do autor. Não porque não foi escrita em Salzburg, mas porque a cada vez mais exitosa publicação que circula em diversos idiomas, é uma peça de construção da memória de si por meio da escrita autobiográfica. Aliás, ela cai como uma luva na atualidade que assiste hoje

[...] a uma proliferação de narrativas vivenciais, ao grande sucesso mercadológico das memórias, das biografias, das autobiografias e dos testemunhos; aos inúmeros registros biográficos na mídia, retratos, perfis, entrevistas, confissões, *reality shows*; ao surto dos blogs na internet, ao auge de autobiografias intelectuais, de relatos pessoais nas ciências sociais (a chamada antropologia pós-moderna), a exercícios de “ego-história”, ao uso dos testemunhos e dos “relatos de vida” na investigação social, e à narração auto-referente nas discussões teóricas e epistemológicas (ARFUCH apud KLINGER, 2005, p.51).

Valeria mesmo uma pesquisa mais aprofundada para saber se em alguma outra época (no pós-guerra por exemplo) o livro autobiográfico de Stefan Zweig alcançou tanto sucesso.

Hannah Arendt e Friederike Zweig não puseram em xeque os inúmeros livros de Zweig, nem fizeram um balanço da qualidade de sua produção literária. Puseram sob a lupa especialmente o seu escrito biográfico no final da vida. Tampouco se envolveram em discussões acerca do valor das narrativas autorreferentes. A intervenção das duas mulheres no mundo de Zweig obedeceu a uma espécie de “dever” de revelar aquilo que Stephan Zweig silenciara no seu livro. Ou antes, talvez, a um sentimento de indignação em relação aos silêncios de Zweig. Com isso, sua crítica se mostra relevante não somente para ampliar os horizontes de compreensão da vida e obra de Zweig, como já disse, mas para questionar o silenciamento de questões pungentes em diversas épocas. Esse silenciamento não é concebido por elas linearmente e, sim, mediante

a tessitura de uma fina relação que estabelecem entre segurança e silêncio, que, afinal, nos presenteia com uma espécie de “chave compreensiva” ou “abordagem” do silêncio de numerosos indivíduos que se calam diante de injustiças e barbaridades. A perspectiva abre a possibilidade de se pensar que o silêncio não constitui uma escolha em si, mas traduz a possibilidade de perda da segurança física, emocional, financeira, da família, dos amigos, da casa, do emprego. Não se trata de um problema qualquer, porém, de decisões que atingem o limiar das possibilidades de cada um e que encerram um dilema moral.

De Galileu Galilei, de Bertold Brecht ao debate da mídia e redes sociais sobre a veracidade e a falsidade daquilo que se afirma, nas correntes da atual “vida pública”, o binômio silêncio/segurança adquire matizes diversos. A tensão entre os dois pares chega ao seu paroxismo no romance *O Homem sem qualidades* de Robert Musil, contemporâneo de Stefan Zweig, no qual, segundo o autor, a modernidade gera uma moral frouxa e um insuperável conflito de valores. Nesse mundo moderno, o indivíduo não deveria mais ser julgado exclusivamente pelo seu “destino pessoal”, mas, também, pela sua inserção em um complexo de relações indefinidas e incertas diante das quais sua fragilidade cresce. Por isso ele hesita em agir e fazer escolhas. Mas a crítica de Hannah Arendt e Friederike Zweig, aparentemente, não se deixa levar por essa falta de qualidades dos modernos. Antes valoriza a liberdade individual de fazer escolhas e assumir suas consequências, assinalando a importância de uma ética da responsabilidade.

.....

Depois da guerra, Hannah Arendt seguiu sua exitosa carreira em Nova York e manteve coerentemente suas posições políticas. Friederike Zweig mudou-se para Connecticut, onde continuou a trabalhar na construção da memória do marido. Ambas permaneceram ativas na vida pública até a morte.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. Stefan Zweig: Jews in the world of yesterday. In: KOHN, Jerome, FELDMAN, Ron H (Orgs.) *The Jewish Writings*. New York: Schocken Books, 2007, p. 317-328.

ARENDDT, Hannah. *Rahel Varnhagen: judia alemã na época do romantismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARROS, Mabi. A verdade sobre o ‘país do futuro’, segundo Stefan Zweig. VEJA, 07 de julho 2017 s/p <https://veja.abril.com.br/blog/e-tudo-historia/a-verdade-sobre-o-pais-do-futuro-segundo-stefan-zweig/> Barros. Acesso em: 26 abr. 2021.

BOHUNOVSKY, Ruth. Entrevista com Klemens Renoldner. In: *Pandaemonium*, São Paulo, v. 18, n. 26, dez. 2015, p. 236-257.

DINES, Alberto. Posfácio: a biografia que se intromete na autobiografia. In: *Autobiografia: o mundo de ontem. Memórias de um europeu*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

DINES, Alberto. *Morte no Paraíso. A Tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. In: *Social Text*, n. 25/26, 1990, p. 56-80, Duke University Press; https://www.academia.edu/23242371/Nancy_Fraser_Rethinking_public_sphere. Acesso em: 30 abr. 2021.

JARDIM, Eduardo. A Condição judaica segundo Hannah Arendt. In: *Quatro cinco um*, maio, 2017, p 29.

JARDIM, Eduardo. *Stefan Zweig*. Texto apresentado no Ciclo Por que Stefan Zweig? Centro Midrash Cultural, Rio de Janeiro, 28 de junho de 2017.

HEUR, Wolfgang. *Hannah Arendt*, Hamburg:Rowohlt Tachenbuch Verlag, 1987.

KERSCHBAUMER, Gert. Ein Nachwort. In: BERLIN, Jeffrey H; KERSCHBAUMER, Gert (Orgs). *Stefan Zweig, Friederike Zweig “Wenn einen Augenblick die Wolken weichen”*. *Briefwechsel 1912-1942*. Frankfurt a/M: S. Fischer Verlag, 2006, p. 399-406.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 12, 2008, p 11-30.

KOHN, Jerome. Preface. A Jewish Life: 1906-1975. In: KOHN, Jerome; FELDMAN, Ron H (Orgs.) *The Jewish Writings*. New York:Schocken Books, 2007 p. IX-XXXI.

ROTH, Guenther. Marianne Weber and her circle. In: WEBER, Marianne, *Max Weber. A Biography*. New Jersey, Transaction Publishers, 1995, p. XV-LXI.

SPITZER, Leo. A jornada ascendente, a jornada para o mundo externo: assimilação no século da emancipação. In: *Experiência Cultural Judaica no Brasil*. Recepção, inclusão e ambivalência. GRIN, Mônica; VIEIRA, Nelson H. (Orgs). Rio de Janeiro:Topbooks, 2004, p 19-52.

WAIZBORT, Leopoldo. Georg Simmel e o judaísmo: entre a emancipação e a assimilação. GRIN, Monica e VIEIRA, Nelson H. (Orgs). In: *Experiência Cultural Judaica no Brasil*. Recepção, inclusão e ambivalência. Rio de Janeiro:Topbooks, 2004, p. 133-172.

ZWEIG, Friederike. *Married to Stefan Zweig*. Plunket Lake Press: Massachusetts, E-book Kindle, 2012.

ZWEIG, Stefan. Carta de 12 de maio de 1937 a Friederike Zweig. In: BERLIN, Jeffrey H, KERSCHBAUMER, Gert (Orgs). *Stefan Zweig, Friederike Zweig “Wenn einen Augenblick die Wolken weichen”*. *Briefwechsel 1912-1942*. Frankfurt a/M: S. Fischer Verlag, 2006, p. 329-331.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem. Memórias de um europeu*. Tradução de Kristina Michahelles Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ZWEIG, Stefan. *O Mundo de Ontem* – Recordações de um Europeu. Tradução de Gabriela Fragoso. Porto, Portugal: Assírio e Alvim, 2014.